

A CONSTRUÇÃO DE FÁTIMA⁽¹⁾ THE CONSTRUCTION OF FÁTIMA

ANTÓNIO MARUJO
antoniomarujo@gmail.com
Jornalista; editor do religionline.blogspot.pt

Texto recebido em / Text submitted on: 30/09/2017
Texto aprovado em / Text approved on: 10/01/2018

Resumo:

Mais de cinco milhões de pessoas por ano, em Fátima, fazem do santuário um dos mais concorridos do mundo. Há 100 anos, três crianças contaram que viram a mãe de Jesus. Pode isto ser verdade? Será Fátima uma mentira? Ou é uma construção?

O artigo procura analisar alguns dos elementos que fizeram do fenómeno o que ele é: a linguagem religiosa da época, marcada por medos e rituais; a oposição da imprensa republicana, que seria a maior divulgadora inicial do fenómeno; a linguagem anticomunista, num contexto de violentas perseguições aos cristãos; os anseios de paz, presentes desde o início e que atravessaram o século, até à Guerra Colonial; e o discurso dos papas que, em visita ao santuário,

(1) Este texto inclui o desenvolvimento e aprofundamento de várias ideias e excertos de artigos antes publicados pelo autor no semanário *Expresso*, no *Diário de Notícias*, nas revistas *Brotéria*, *Forma de Vida*, *História – Jornal de Notícias*, *Vida Nueva* e *World Mission*, e ainda na página da Rádio Renascença na Internet. A utilização do Novo Acordo Ortográfico nesta peça resulta de uma exigência do editor, uma vez que o autor não se revê em várias das normas deste convénio.

destacaram ideias diferentes das que estavam presentes no discurso fundador – culminando no Papa Francisco que, em 2017, criticou mesmo a ideia da «santinha» a quem se pedem favores a baixo preço.

Palavras-chave:

Fátima, Papa(s), Nossa Senhora, Igreja Católica, Política.

Abstract:

More than five million people a year in Fatima make the sanctuary one of the busiest in the world. One hundred years ago, three children reported that they saw Jesus' mother. Can this be true? Is Fatima a lie? Or is it a construction? The article tries to analyze some of the elements that made the phenomenon what it is: the religious language of the time, marked by fears and rituals; the opposition of the republican press, that would be the biggest initial promoter of the phenomenon; the anti-communist language, in a context of violent persecution of Christians; the anxieties of peace, present from the beginning and that crossed the century, until the Colonial War; and the speech of the Popes who, on their visit to the sanctuary, emphasized ideas different from those present in the founding discourse – culminating in Pope Francisco who in 2017 criticized even the idea of the «santinha» to whom favors are solicited at low prices.

Keywords:

Fátima, Pope(s), Holy Mary, Catholic Church, Politics.

Nos últimos anos, mais de cinco milhões de pessoas têm passado anualmente por Fátima, tornando o santuário português um dos mais concorridos do mundo e fazendo dele um dos mais importantes destinos do país, a par de Lisboa e do Algarve. Como foi possível chegar aqui, sabendo que tudo começou apenas com três crianças, num ermo pobre e descampado do Portugal rural e miserável do início do século XX?

A 13 de maio de 1917, de acordo com o relato desses videntes – Lúcia, 10 anos, e os seus primos Francisco, 9, e Jacinta, 7 – quando procuravam

abrigar-se de uma tempestade, viram a mãe de Jesus aparecer-lhes, sobre uma azinheira, prometendo voltar cada dia 13, até outubro.

Pode este relato ser verdadeiro? Se sim, de que verdade falamos? Ou terá sido Fátima uma construção? E de que tipo? Ou que razões – tão diversificadas quanto as religiosas, políticas e sociais – podem ajudar a explicar ou determinam essa construção?...

Mãe ou funcionária telegráfica?

Na viagem de regresso a Roma, depois da sua visita de 20 horas a Fátima, em maio de 2017, o Papa Francisco falou com os jornalistas no avião. A propósito das alegadas aparições em Medjugorje (Bósnia), relatadas por vários videntes desde 1981, afirmou: «Eu, pessoalmente, [...] prefiro Nossa Senhora mãe, nossa mãe, e não uma Nossa Senhora chefe dum departamento telegráfico que todos os dias, a determinada hora, envia uma mensagem; esta não é a Mãe de Jesus»⁽²⁾.

As mesmas reservas colocadas pelo Papa Francisco a uma mensagem ou aparição com hora marcada, na Bósnia, poderiam ser repetidas em relação a Fátima. Também aqui o encontro dos três videntes com a visão tinha datas previstas desde o início – o dia 13 de cada mês.

«Numa cultura em que todas as pessoas piedosas têm a esperança que lhes apareçam os santos, essas pessoas terão aparições», diz o padre jesuíta alemão Peter Knauer, professor de Teologia Fundamental, numa entrevista publicada no livro *A Senhora de Maio*. «Apesar de as aparições não serem contrárias à fé – são antes maneiras de visualizar a nossa crença – elas não são nada de novo», acrescenta.

A maior relativização do que se passou em 1917 viria, no entanto, de quem muitos não esperariam: em junho de 2000, depois da última visita do Papa João Paulo II a Fátima, durante a qual os videntes foram beatificados, o cardeal Joseph Ratzinger divulgou os documentos relativos ao chamado «segredo de Fátima», acompanhados de um *Comentário Teológico*. Ratzinger, futuro Papa Bento XVI (2005-2013), era então o prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé, do Vaticano.

(2) As intervenções do Papa Francisco em Fátima, a 12 e 13 de maio de 2017, estão disponíveis em http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/travels/2017/outside/documents/papa-francesco-fatima_2017.html.

No texto, o cardeal remete para a distinção feita pela antropologia teológica, que fala de «três formas de percepção ou ‘visão’: a visão pelos sentidos, ou seja, a percepção externa corpórea; a percepção interior; e a visão espiritual (*visio sensibilis, imaginativa, intellectualis*)». E, num tom pedagógico, acrescenta: «É claro que, nas visões de Lourdes, Fátima, etc., não se trata da percepção externa normal dos sentidos: as imagens e as figuras vistas não se encontram fora no espaço circundante, como está lá, por exemplo, uma árvore ou uma casa»⁽³⁾.

A referência à árvore também não será apenas casual: se a narrativa dos videntes dizia que a aparição lhes surgira sobre uma azinheira, o que Ratzinger afirma é que a árvore e a visão não podiam ser vistas do mesmo modo. Esta última não era um fenómeno físico, pois não se encontrava à frente dos seus olhos nem podia ser tocada pelas suas mãos, tal como se podia fazer em relação à árvore que estava diante deles. Onde estava, então, a aparição? Na «visão interior», como escreve Ratzinger, que, por isso, não era captada «por todos os presentes, mas apenas pelos ‘videntes’».

O documento acrescenta que, não sendo física, tão pouco se tratava de uma visão «intelectual sem imagens, como acontece nos altos graus da mística». E concluía: «Trata-se, portanto, da categoria intermédia, a percepção interior que, para o vidente, tem uma força de presença tal que equivale à manifestação externa sensível». Por isso, não pode ser apelidada de «fantasia, que seria apenas uma expressão da imaginação subjectiva», mas significa antes que «a alma recebe o toque suave de algo real mas que está para além do sensível, tornando-a capaz de ver o não-sensível, o não-visível aos sentidos: uma visão através dos «sentidos internos». E concretiza de novo: «Trata-se de verdadeiros ‘objectos’ que tocam a alma, embora não pertençam ao mundo sensível que nos é habitual».

Esta perspectiva é retomada igualmente no livro de Carlos Moreira Azevedo, publicado em 2017: «A ausência de dimensão simbólica para ler a vida, interpretar a realidade, evidencia-se nos nossos dias», escreve, acrescentando que, se «as palavras sobre Deus são sempre humanas,

(3) Congregação para a Doutrina da Fé, A Mensagem de Fátima – Comentário Teológico; texto disponível em http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_20000626_message-fatima_po.html.

quanto mais as visões dos pastorinhos devem ser sujeitas a uma releitura»⁽⁴⁾.

Luís Filipe Torgal, que dedicou várias obras ao tema, numa perspectiva crítica, contesta ainda assim a explicação de Ratzinger:

Esta argumentação teológica [...] não resiste ao crivo científico da História, da Sociologia, da Psicologia e da Neurologia. Afinal, como será possível demonstrar, objetivamente, que a vidente em causa foi obsequiada pelo Espírito Santo com «visões místicas autênticas», tendo por isso experienciado um «fenómeno psicológico natural», e não foi vítima de sucessivas ilusões oníricas, alucinações, delírios ou de sugestões fantasiosas induzidas por elementos endógenos ou exógenos mais ou menos explicáveis? Esta é a questão magna e intransponível⁽⁵⁾.

No *Comentário Teológico*, o futuro Bento XVI escreve ainda que, na visão exterior, há uma carga de subjetividade, pois nunca «vemos o objecto puro mas este chega-nos através do filtro dos nossos sentidos». Mais ainda na visão interior, na qual o vidente «vê segundo as próprias capacidades concretas, com as modalidades de representação e conhecimento que lhe são acessíveis», num processo de tradução mais acentuado, em que o sujeito desempenha «uma parte essencial na formação da imagem daquilo que aparece».

Sendo assim, acrescenta ainda o texto, «tais visões não são em caso algum a ‘fotografia’ pura e simples do Além, mas trazem consigo também as possibilidades e limitações do sujeito que as apreende». E se isso é claro nas visões dos santos, «vale também para as visões dos pastorinhos de Fátima».

Se não se deve entender Fátima como a construção de uma mentira, mas como reflexo desse «toque suave de algo real que está para além do sensível», podem ainda acrescentar-se outros elementos de análise. No livro *A Religião dos Portugueses*, frei Bento Domingues sugere a consulta, numa enciclopédia básica, de palavras relacionadas com Fátima:

(4) Carlos A. Moreira Azevedo, *Fátima – Das Visões dos Pastorinhos à Visão Cristã*, Lisboa, Esfera dos Livros, 2017.

(5) Luís Filipe Torgal, *Fátima – A (des)construção do mito*, Coimbra, Palimage, 2017, p. 51.

Com estas informações, cada um pode perguntar-se quais eram os acentos do ensino da catequese, dos devocionários, das representações gráficas religiosas, dos sermões das missões populares, das novenas e dos tríduos em Portugal e fora de Portugal, na época das Aparições. Isso já pode exigir um esforço de recordação e a frequência de qualquer biblioteca de seminário ou de gente piedosa.

E afirma, em seguida:

A conclusão que eu tirei – bastante dessa literatura verifiquei durante anos e em muitas dessas práticas participei – é esta: *o imaginário transmitido nas narrativas das Aparições de Fátima é o imaginário corrente das crianças e adultos daquela época. Não encontrei aí nenhuma novidade.* Reza do terço, sacrifícios de reparação, devoção e consagração ao Coração de Maria, conversão dos pecadores, céu, purgatório, inferno, Santíssima Trindade, eram imagens de que as crianças estavam povoadas mesmo sem qualquer aparição. Com razão se tem notado que, em 1916, o jornal católico *A Ordem*, promove a «Cruzada do Rosário», cujo programa implicava a recitação do terço, a comunhão frequente e a restauração da conhecida confraria do Rosário. Esta falta de originalidade não é argumento nem a favor nem contra a autenticidade das aparições⁽⁶⁾.

«Mergulhados em êsse fogo»...

Lendo, por exemplo, a descrição da «visão do inferno» feita por Lúcia, verifica-se a pertinência da análise de Bento Domingues. Nas suas *Memórias*, Lúcia descreveria, em 1941, que a visão do inferno era o tema da primeira parte do segredo que lhe teria sido revelado pela aparição. E recordava⁽⁷⁾:

(6) Frei Bento Domingues, *A Religião dos Portugueses - Testemunhos do Tempo Presente*. Este livro fundamental dos estudos teológicos, antropológicos e literários sobre Fátima e a religiosidade portuguesa será reeditado durante o ano de 2018; aqui, segue-se a edição da Figueirinhas, Porto/Lisboa, 1988.

(7) Mantém-se aqui a ortografia do texto, mesmo com alguns erros, reproduzida no documento sobre o segredo de Fátima, divulgado em julho de 2000 pelo Vaticano; ver http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_20000626_message-fatima_po.html.

Nossa Senhora mostrou-nos um grande mar de fogo que parecia estar debaixo da terra. Mergulhados em êsse fogo os demónios e as almas, como se fossem brasas transparentes e negras, ou bronzizadas com forma humana, que flutuavam no incêndio levadas pelas chamas que d'elas mesmas saíam, juntamente com nuvens de fumo, caindo para todos os lados, semelhante ao cair das faulhas em os grandes incêndios sem peso nem equilíbrio, entre gritos e gemidos de dôr e desespero que horrorizava e fazia estremecer de pavor. Os demónios distinguiam-se por formas horríveis e ascosas de animais espantosos e desconhecidos, mas transparentes e negros. Esta vista foi um momento, e graças à nossa boa Mãe do Céu; que antes nos tinha prevenido com a promessa de nos levar para o Céu (na primeira aparição) se assim não fosse, creio que teríamos morrido de susto e pavor.

Esta descrição de Lúcia mais não faz do que repetir pregações populares da época, muitas delas resumidas num livro muito divulgado no catolicismo português do tempo: a *Missão Abreviada*, do padre Manoel do Couto (natural de Telões, Vila Pouca de Aguiar) descrevia o inferno de modo muito semelhante ao que Lúcia refere nas *Memórias*. O livro de Manoel do Couto era um manual para as pregações populares do clero, no qual se abordavam temas como a vocação de Deus, o fim último do homem, o pecado, a morte, o juízo universal, a misericórdia e o amor de Deus, a penitência, os sacramentos, a vida e a paixão de Jesus...

Para Manoel do Couto, entre os «assuntos da maior importância» estavam a devoção ao Sagrado Coração de Jesus, o cristianismo como «religião verdadeira» e a Igreja Católica como única Igreja verdadeira no cristianismo, as devoções e formas de rezar, as «mezinhices», a impureza, e os comportamentos perante questões como os luxos e as modas, os bailes e os jogos, a usura e o roubo, a embriaguez ou os divertimentos do Entrudo...

Na 12.^a meditação da primeira parte da sua *Missão Abreviada*, «Sobre o Inferno», escrevia o padre Couto:

Considera, pecador, que o inferno é um lugar no centro da terra; é uma caverna profundíssima cheia de escuridão, de tristeza e horror; é uma caverna cheia de labaredas de fogo e de nuvens de espesso fumo. Lá são atormentados os pecadores na companhia dos demónios; lá estão bramindo e uivando como cães danados, proferindo terríveis blasfémias

contra Deus. Lá são atormentados os pecadores com a pena de dano [...]. Além disto, os pecadores lá no inferno também sofrem a pena dos sentidos, isto é, também são atormentados por um fogo o mais devorante...⁽⁸⁾.

Precisamente sobre a coincidência dos relatos de Lúcia com obras como a *Missão Abreviada*, o próprio cardeal Ratzinger escreve no seu *Comentário Teológico*: «A conclusão do ‘segredo’ lembra imagens, que Lúcia pode ter visto em livros de piedade e cujo conteúdo deriva de antigas intuições de fé. É uma visão consoladora, que quer tornar permeável à força santificante de Deus uma história de sangue e de lágrimas»⁽⁹⁾.

É neste contexto que Joseph Ratzinger opta por falar de visões e não de aparições, relativizando a própria revelação trazida pelo segredo:

Não é revelado nenhum grande mistério; o véu do futuro não é rasgado. Vemos a Igreja dos mártires deste século que está para findar, representada através de uma cena descrita numa linguagem simbólica de difícil decifração. É isto o que a Mãe do Senhor queria comunicar à cristandade, à humanidade num tempo de grandes problemas e angústias? Serve-nos de ajuda no início do novo milénio? Ou não serão talvez apenas projecções do mundo interior de crianças, crescidas num ambiente de profunda piedade, mas simultaneamente assustadas pelas tempestades que ameaçavam o seu tempo? Como devemos entender a visão, o que pensar dela?

Nesta linha, note-se ainda, também não terá sido casual que o Papa Francisco nunca tenha usado, nas suas intervenções em Fátima, as palavras «aparição» ou «aparições».

O Papa morto por tiros e setas

Se as visões das crianças de Fátima não são a «fotografia» do Além de que fala o *Comentário Teológico*, as explicações e comentários de Ratzinger obrigam a procurar, no contexto da época, outros elementos da

(8) Manuel José Gonçalves Couto, *Missão abreviada para despertar os cuidados, converter os peccadores e sustentar o fructo das missões*, Porto, Typografia de Sebastião José Pereira, 1868/1995.

(9) Cf. a ligação digital referida na nota 7.

«fotografia» tirada pelos videntes – e, de forma muito determinante, por Lúcia, que desempenha o papel principal quer nos acontecimentos de 1917, quer na construção posterior do fenómeno, até porque, entretanto, os seus primos morreram prematuramente, em abril de 1919 (Francisco) e fevereiro de 1920 (Jacinta), vítimas da pneumónica.

Vários desses elementos podem ainda retirar-se do texto do «segredo», que teria sido revelado na visão de 13 de julho. Repartido em três partes, ele trata da «vista do inferno», da devoção ao Imaculado Coração de Maria e do «bispo vestido de branco» que é morto pelos soldados. As duas primeiras partes, escritas em 1941, eram já conhecidas. A terceira parte, sobre a qual se levantaram muitas especulações, foi escrita em 1944 e revelada apenas no ano 2000, como se referiu, por ocasião da última passagem de João Paulo II por Fátima (o mesmo Papa que, por coincidência, afirmaria, em julho de 1999, que o inferno não é um lugar físico, mas antes se relaciona com a ausência de Deus...).

A devoção ao Imaculado Coração de Maria era apenas uma das muitas expressões rituais em que o catolicismo popular se traduzia. Depois de ter visto o Inferno, contava Lúcia, a aparição teria dito: «Vistes o inferno, para onde vão as almas dos pobres pecadores; para as salvar, Deus quer estabelecer no mundo a devoção a Meu Imaculado Coração. Se fizerem o que eu vos disser, salvar-se-ão muitas almas e terão paz».

Em relação à terceira parte do texto, aquela que João Paulo II entendeu como referida a si mesmo e ao atentado que sofrera na Praça de São Pedro, em 1981 (e que Ratzinger considera, no seu *Comentário Teológico*, apenas uma interpretação «razoável»), pode ler-se outra coincidência de análise. O texto de Lúcia fala de um «bispo vestido de branco», que aos pastorinhos parecia o Papa, a subir «uma grande cidade meia em ruínas», acabando depois morto «por um grupo de soldados que lhe dispararam vários tiros e setas».

Desde 1870, com o fim dos Estados Pontifícios e a unificação italiana, que o discurso católico estava marcado pela ideia de um Papa «prisioneiro» no Vaticano – e que, na realidade, se recusava a sair do interior da cidade-estado. Era natural, assim, que o discurso das crianças adotasse também o que ouviam ao seu redor.

Muitos dos relatos dos videntes, aliás, relacionam-se com várias devoções populares da época. Predominava uma forma de entender o catolicismo que privilegiava o cumprimento de fórmulas, ritos e devoções em ordem à salvação e cuja identidade se definia em grande parte

na lógica do confronto com os seus «inimigos». Era um catolicismo caracterizado também por uma relação com Deus marcada pelo medo, por uma relação muitas vezes quase mercantilista e intermediada pelas figuras da Virgem Maria e dos santos.

A Rússia nunca existiu?

O «segredo» de Fátima surgiu também numa época em que se registaram violentíssimas perseguições contra os cristãos, nomeadamente na então União Soviética (onde predominava o cristianismo ortodoxo), mas também durante a Guerra Civil de Espanha. Esses dois factos contribuíram em muito para a afirmação de uma linguagem anticomunista ligada a Fátima, que permaneceu no discurso oficial até ao final da Guerra Fria e se mantém ainda no discurso de grupos católicos fundamentalistas.

Na segunda parte do «segredo», Lúcia escreve que, para salvar as almas da condenação eterna, Deus queria estabelecer no mundo a devoção ao Imaculado Coração de Maria. E acrescentava a visão (de novo, seguindo a ortografia do próprio manuscrito de Lúcia):

Se fizerem o que eu disser salvar-se-ão muitas almas e terão paz. A guerra vai acabar, mas se não deixarem de ofender a Deus, no reinado de Pio XI começará outra peor⁽¹⁰⁾. Quando virdes uma noite, alumiada por uma luz desconhecida, sabei que é o grande sinal que Deus vos dá de que vai a punir o mundo de seus crimes, por meio da guerra, da fome e de perseguições à Igreja e ao Santo Padre. Para a impedir virei pedir a consagração da Rússia a meu Imaculado Coração e a comunhão reparadora nos primeiros sábados. Se atenderem a meus pedidos, a Rússia se converterá e terão paz, se não, espalhará seus erros pelo mundo, promovendo guerras e perseguições à Igreja, os bons serão martirizados, o Santo Padre terá muito que sofrer, várias nações serão aniquiladas, por fim o meu Imaculado Coração triunfará. O Santo Padre consagrar-me-á a Rússia, que se converterá, e será congedado ao mundo algum tempo de paz⁽¹¹⁾.

(10) Para Lúcia, o início da II Guerra Mundial deu-se em 1938, quando a Alemanha anexou a Áustria e o Papa era ainda Pio XI.

(11) Cf. *supra*, nota 7.

As alusões à Rússia começaram a afirmar-se apenas em 1929 e, de modo mais consistente, só a partir de 1938 – até aí, há algumas referências pouco claras, que Lúcia explica com a sua ignorância acerca do nome. Essas menções surgem quando a vidente vivia ainda em Espanha (residiu em conventos em Tui e Pontevedra), onde a terrível Guerra Civil incluiu os assassinatos de muitos cristãos e o encerramento de mosteiros, sobretudo por parte dos republicanos, mas também com casos de crimes desses do lado falangista.

Ao mesmo tempo, os cristãos ortodoxos da então União Soviética viviam tempos de duras perseguições, promovidas por Estaline: depois de duas campanhas iniciais antirreligiosas na primeira década da revolução russa, a partir de 1928 a perseguição endureceu e, durante a década de 1930, muitos padres, monges e crentes foram presos, torturados ou mortos. Entre os milhões de pessoas levadas para os campos de trabalho forçado do «arquipélago de Gulag», uma comissão do patriarcado ortodoxo de Moscovo estima que, até 1941, mais de 350 mil pessoas terão sido perseguidas por razões religiosas, das quais 150 mil só no ano de 1937 – e, destas, 80 mil foram fuziladas⁽¹²⁾. Mas a campanha antirreligiosa incluiu o encerramento de milhares de igrejas e o ensino do ateísmo militante e do desprezo da religião em todas as escolas.

Nesse clima político, era natural que Lúcia, também sob a influência do cônego Manuel Formigão, visse no comunismo o inimigo dos crentes. Ao invés, a vidente nunca se referiria à ascensão do nazismo que a Santa Sé viria a caracterizar como uma «ideologia pagã animada de um cruel anti-semitismo», que «não só desprezava a fé mas também negava a própria dignidade humana do povo hebraico»⁽¹³⁾ e que, além de ter planeado a «solução final» para os judeus, provocou, com a Guerra e o Holocausto, a maior tragédia da história da Humanidade.

Foi também essa mentalidade anticomunista dominante (contextualizada, como se viu, por grandes perseguições e ataques a cristãos) que levaria Lúcia, em novembro de 1945, a escrever uma carta ao cardeal

(12) No livro *O Século do Martírio*, Andrea Riccardi faz um levantamento exaustivo de muitos destes casos.

(13) Ver o ponto 5.4. do texto *Memória e Reconciliação – A Igreja e as Culpas do Passado*, publicado em março de 2000 pela Comissão Teológica Internacional, presidida pelo cardeal Ratzinger; o texto está disponível, na íntegra, em http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti_documents/rc_con_cfaith_doc_20000307_memory-reconc-itc_po.html

Gonçalves Cerejeira, na qual se referia a Salazar como o «escolhido por Deus» para governar Portugal⁽¹⁴⁾.

O tema da Rússia, se apareceu tardiamente nas narrativas do fenómeno, também praticamente desapareceu da linguagem mais oficial, ainda que tivesse sido referido na apresentação do «segredo». O texto da terceira parte não fala, de facto, da perseguição dos regimes ateus contra a Igreja, mas, no anúncio lido pelo cardeal Angelo Sodano em maio de 2000, em Fátima, em nome do Papa João Paulo II, essa era a interpretação correta dada por Lúcia.

A queda do Muro de Berlim e o fim dos regimes comunistas de Leste, em 1989-1990, pareciam, de facto, dar razão à profecia. No congresso *Fátima e a Paz*, realizado em 1992, para assinalar os 75 anos de Fátima, o bispo de Győr (Hungria), Pápai Lajos, rejubilava com a queda do comunismo e não tinha quaisquer dúvidas: «A predição de que a Rússia ‘se converterá’ realizou-se de forma quase miraculosa. Tornou-se evidente que a conversão, a expiação, a devoção a Maria, a oração, são as forças que fazem a História»⁽¹⁵⁾.

Apesar destas afirmações de júbilo, rapidamente se tornou claro que era muito difícil falar de «conversão» da Rússia apenas por causa do fim do regime comunista. Além de não se ter libertado das teias da corrupção, de governantes autocráticos e de perseguições políticas, a Rússia continua igualmente a ser, para muitos crentes (incluindo cristãos evangélicos ou Testemunhas de Jeová), um lugar de perseguição. Os relatórios da Ajuda à Igreja que Sofre (AIS) sobre a liberdade religiosa no mundo têm dado conta de vários casos de intolerância para com muitas minorias religiosas, incluindo cristãs.

(14) Um estudo do investigador José Barreto, do Instituto de Ciências Sociais, sobre esta carta de Lúcia, bem como o texto da mesma, estão publicados no livro *A Senhora de Maio* (A. Marujo e R. P. Cruz 2017).

(15) Pápai Lajos, «As recentes mudanças na Europa Central e Oriental, à luz da mensagem de Fátima», in *Fátima e a Paz*, Actas do Congresso Internacional (1993: 218).

«O quarto pastorinho»

As notícias do exterior chegavam aos ouvidos de Lúcia e encaixavam na perfeição no discurso sobre os «inimigos da Igreja», muito usual na época. Uma das principais fontes de Lúcia, então já uma jovem religiosa das irmãs doroteias (a passagem para carmelita só se daria mais tarde, em 1948) era o cônego Manuel Formigão, não sem razão chamado «o quarto pastorinho de Fátima» ou o grande «apóstolo de Fátima».

Na *Enciclopédia de Fátima*, Jesué Pinharanda Gomes escreve mesmo que foi Manuel Formigão «o principal escritor do primeiro período da literatura sobre Fátima, assim como o doutrinador que deu consistência à mensagem que os pastorinhos, por sua cultura e idade, dificilmente conseguiriam pôr em forma discursiva»⁽¹⁶⁾.

Em 1909, Formigão, padre do patriarcado de Lisboa, esteve em Lourdes, então um florescente santuário, depois das visões que ali também tinham ocorrido entre fevereiro e julho de 1858. Veio de lá com a ideia de ser «um dos mais ardorosos propagandistas do seu culto em Portugal», de acordo com uma carta escrita pelo próprio ao cardeal Manuel Gonçalves Cerejeira, patriarca de Lisboa, já em 1930⁽¹⁷⁾.

Professor do seminário de Santarém (que então integrava o patriarcado de Lisboa), Formigão ficou responsável pela Sopa dos Pobres da cidade. A dissolução, pelas autoridades da República, da Conferência de São Vicente de Paulo, dinamizadora da Sopa dos Pobres, contribuiu para que ele aprofundasse a sua oposição ao novo regime.

Inicialmente (até agosto), como o próprio admitia, Formigão acolheu o fenómeno de Fátima com «absoluta incredulidade». Passou depois a uma «benévola expectativa» e, finalmente, à adesão entusiástica. A mudança deu-se em setembro, depois de interrogar os videntes em suas casas, no dia 27 desse mês: «Não é verosímil que três crianças de tão tenra idade [...], rudes e ignorantes, mintam e persistam na mentira durante tantos meses», escreveu, no relato que fez dos interrogatórios. Não eram «vítimas de alucinação» nem estariam «iludidas» ou, tão pouco, auto-sugestionadas. Não havia sequer histerismo, «segundo a declaração de um médico consciencioso que as examinou cuidadosamente».

(16) Jesué Pinharanda Gomes, «Formigão, Manuel Nunes», in L. Cristino e C. M. de Azevedo, *Enciclopédia de Fátima* (2007: 236-237).

(17) Citado por Jesué Pinharanda Gomes, in L. Cristino e C. M. de Azevedo (2007: 233).

Restava, nesse momento, apenas um problema que, à luz da moral católica da época e de afirmações como as que se liam na *Missão Abreviada*, não era de somenos: o padre Formigão ainda não conseguia entender aquilo que parecia uma «intervenção diabólica», pelo facto de as crianças dizerem que a Senhora tinha um vestido que descia «até um pouco abaixo do meio da perna». No relato do primeiro interrogatório, escrevia:

Nossa Senhora não pode, evidentemente aparecer senão o mais decente e modestamente vestida. O vestido deveria descer até perto dos pés. O contrário [...] constitui a dificuldade mais grave a opor à sobrenaturalidade da aparição e faz nascer no espírito o receio de que se trata de uma mistificação⁽¹⁸⁾.

Com novas perguntas que ele foi fazendo aos videntes, as crianças foram entendendo posteriormente que, afinal, o vestido descia até aos tornozelos... E foi essa a imagem que ficou consagrada na própria configuração da representação imagética oficial da Senhora.

O cônego Formigão integrará depois, a partir de 1922 e com outros seis colegas padres, a comissão canónica de investigação aos acontecimentos, já com Fátima fazendo parte da nova diocese de Leiria entretanto criada (facto para o qual os acontecimentos de 1917 não pesaram⁽¹⁹⁾). O relatório da comissão, no entanto, demorou sete anos a ficar pronto – só foi entregue ao bispo D. José Alves Correia da Silva a 13 de abril de 1930.

Além de referir que o relatório foi redigido rapidamente, José Barreto acusa o texto de ter um carácter «formal e meramente ratificatório», pois inclui, quase *ipsis verbis*, vários artigos que o próprio Formigão escrevera ao longo desses 13 anos. Esse facto é um problema, diz Barreto: «A conjugação, numa só pessoa, [...] da dupla qualidade de principal propagandista e de condutor-relator do processo canónico de averiguações sobre Fátima, não pode, obviamente, deixar de suscitar grandes reservas sobre a seriedade e o rigor do dito processo»⁽²⁰⁾.

Ideologicamente, Formigão era um homem fruto do catolicismo predominante (que não exclusivo) na época – zangado com a República,

(18) Cf. Interrogatório de Manuel Nunes Formigão aos videntes e a Maria Rosa, mãe de Lúcia, in *Documentação Crítica de Fátima – Seleção de Documentos*, p. 59.

(19) Cf. Carlos A. Moreira Azevedo (2017).

(20) José Barreto, *Religião e Sociedade – Dois Ensaios*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2002, p. 40.

anticomunista, acolhedor do Estado Novo como possibilidade de salvação de um país exangue pelo esforço da I Grande Guerra e pelos 16 anos de um regime que nunca estabilizara, nem em termos políticos, nem na adesão do país profundo.

Imprensa, «crendice» e «prudência»

A dimensão política de Fátima não nasce, no entanto, apenas com a Rússia, Formigão e a irmã Lúcia. Para a afirmação do fenómeno, e para a radicalização da sua linguagem política, muito contribuem, paradoxalmente, vários sectores republicanos – nomeadamente, boa parte da imprensa ligada ao novo regime.

Na verdade, Fátima afirma-se, desde o início, como mais um dos fatores de conflito entre a Igreja e a República. Isso acontece por duas vias: em primeiro lugar, o fenómeno é uma possibilidade de o povo católico afirmar a sua religiosidade, contra a afirmação anticatólica e a destruição que o novo regime começara a fazer de uma boa parte do aparelho eclesiástico; por outro lado, ao decidir-se pela entrada de Portugal na Grande Guerra, no final de 1916, muita gente viu em Fátima a possibilidade de um socorro divino em favor da paz e dos jovens que tinham partido para a frente de combate. Como refere o historiador António Matos Ferreira, num estudo incluído no livro *A Senhora de Maio* (Marujo e Cruz 2017), as gentes enfrentavam a precariedade «perante a situação de uma guerra que as pessoas aceitavam, mas perante a qual procuravam uma proteção de natureza religiosa e divina».

A imprensa republicana é a primeira a denunciar o que considera como «crendice», «pérfida especulação» e «superstição» que o fenómeno traduz. Lúcia era um «papagaio bem falante» e um instrumento do clero. «Fátima, por si própria, teria a expansão que tem hoje. Mas naquela época, em que os meios de comunicação não tinham a capacidade de hoje, [os jornais republicanos] ajudaram a tornar o fenómeno mais conhecido», dizia o investigador António Teixeira Fernandes, ao jornal *Público*, em 2010⁽²¹⁾.

(21) Cf. António Marujo, «A imprensa laica foi a que mais divulgou Fátima», in *25 Olhares Sobre a República* (2010).

No jornal *O Século*, assinada por Artur Gonçalves, correspondente na Meia Via (Torres Novas), surge a 23 de julho o primeiro texto sobre o fenómeno: falava-se de um «boato de que num determinado ponto da serra de Aire apareceria no dia 13 do corrente a mãe de Jesus Cristo a duas criancinhas, a quem já por diversas vezes tinha aparecido, e no mesmo local». Num tom de algum desdém, o texto acrescentava que tudo não passaria de especulação de «algum indivíduo astucioso que, à sombra da religião, quer transformar a serra de Aire numa estância miraculosa como a velha Lourdes».

Em agosto, *O Mundo*, jornal do Partido Democrático, de Afonso Costa, ridicularizava mais o que se passava, sob o título *Impostores!*: «A raça dos impostores, que é a causa da religião e das crenças católicas de certo povo bisonho tem exercido a sua indústria através dos tempos [...]. Abra o povo os olhos e corra a chicote os charlatães que negociam com a sua crença».

António Teixeira Fernandes, que investigou o papel da imprensa em relação ao fenómeno de Fátima, considera mesmo *O Mundo* o mais importante «instrumento da defesa da causa republicana e do combate contra as aparições⁽²²⁾. No jornal, escreve-se que os acontecimentos são «um abuso e uma exploração do clero». E a reportagem de Avelino de Almeida n' *O Século*, jornal que também se situava no campo republicano, «desperta mesmo a irritação de muitos» e provoca algum debate na imprensa ligada ao regime, como observava Teixeira Fernandes na entrevista ao *Público*⁽²³⁾.

Não se pense, no entanto, que, de um lado (contra Fátima), estavam os republicanos e, do outro (na sua defesa), os jornais católicos. O acontecimento de 13 de outubro vem introduzir «um crescente dinamismo e uma outra dimensão à polémica», como diz Teixeira Fernandes no seu livro, pois esta «passa a travar-se não só entre a imprensa afecta à Igreja e a inspirada pelo republicanismo, como ainda no interior de cada um destes campos». E dá-se mesmo um aproveitamento mútuo do que cada campo publica: «As discussões na imprensa católica vão servir os interesses dos republicanos ou, pelo menos, tendem a ser instrumenta-

(22) António Teixeira Fernandes é autor de *O Confronto de Ideologias na Segunda Década do Século XX – À Volta de Fátima* (1999), onde estuda o papel da imprensa republicana e católica no confronto a propósito de Fátima; coordenou também o vol. III-1 da *Documentação Crítica de Fátima*, onde são coligidas muitas notícias de jornais da época.

(23) Cf. António Marujo, in *25 Olhares Sobre a República* (2010).

lizadas por estes, na argumentação por eles produzida. Mas a imprensa não católica acaba, do mesmo modo, por ir ao encontro dos intuitos da Igreja, não só pela publicidade que dá aos factos, como ainda pelas dissensões que se geram no seu interior».

Do lado da imprensa católica, o registo inicial que predomina é, precisamente, o de recomendar muita prudência em relação à leitura dos acontecimentos. A maior parte dos jornais e articulistas esperam ainda indicações da hierarquia. «Tinham um espaço mais reduzido de opinião em questões desta natureza. Eles não podiam consagrar o fenómeno. Nunca o criticaram, nunca o negaram, mas usaram uma grande prudência», observava Teixeira Fernandes, na entrevista citada. «Numa primeira fase, o fenómeno é tido como espontâneo, indo ao encontro de uma predisposição popular para acreditar. Os jornais tendem a não fazer mais do que a corresponder a esse sentimento e a dar-lhe adequada expressão»⁽²⁴⁾.

Apesar dessa espera e da respetiva contenção, os articulistas católicos incluem uma diversidade de opiniões, que vão desde o cepticismo, a moderação e as cautelas, até aos que pensam que o fenómeno pode ser aproveitado como bandeira contra o regime republicano – mas que, em muitos casos, se confundiam mais com divergências políticas e a adesão ao campo monárquico, do que com questões de diversidade de opiniões teológicas, pastorais ou de crença.

Essas cautelas e recomendações de prudência católica, aliás, podem confirmar-se de outras formas. Em 2010, no artigo do *Público* já citado, o então diretor do Serviço de Estudos e Difusão do Santuário, padre Luciano Cristino, notava que a maioria dos sermões e homilias das primeiras peregrinações na Cova da Iria não referiam a mensagem dos videntes. «Os pregadores limitam-se a falar da devoção a Nossa Senhora, alguns nem sequer tomam posição sobre o que aconteceu». Tal facto só mudaria com o início do processo canónico, em 1922.

Na apresentação do volume da *Documentação Crítica* que reúne textos da imprensa da época, Teixeira Fernandes concluía: «É a imprensa não católica que acaba, não obstante os seus propósitos em contrário, por dar notoriedade aos acontecimentos e por servir a sua causa». Fátima traduzia, acrescentava o investigador na entrevista já citada, um conflito de mentalidades que, na época, se manifestava em dois polos: de

(24) Teixeira Fernandes, in Id., ib.

um lado, o republicano, racionalista, que pretendia reduzir e apoucar a dimensão sobrenatural e religiosa e que procurou mesmo acelerar esse programa, tentando «secularizar a sociedade portuguesa, através da escola»; do outro, uma população que persistia na crença, manifestada muitas vezes através das expressões mais pietistas e tradicionais.

«A república quis destruir esta religiosidade popular, que achava que estava imbuída de fanatismo e irracionalidade» e as populações reagiram com a sua sensibilidade ao maravilhoso, que «acompanha a sensibilidade popular em todas as épocas». É neste sentido que o sociólogo fala de um «confronto de mentalidades e culturas, de imposição do racionalismo contra uma fé mais ou menos tradicional, vivenciada pelas populações»⁽²⁵⁾.

«Quando acaba a guerra?»

No conflito entre o catolicismo e a República, no qual Fátima também teve um papel destacado, a questão da guerra foi outro tema importante. De tal modo que acabaria por constituir-se como um tema fulcral na construção do fenómeno, ao longo de praticamente todo este primeiro século de Fátima.

Os diferentes papas sempre destacaram a paz como uma componente fundamental da mensagem ligada aos acontecimentos. Ao anunciar a visita, em 1967, o Papa Paulo VI disse que viria, como peregrino, para invocar a intercessão da mãe de Jesus «a favor da paz da Igreja e do mundo». Na homília que pronunciou no santuário, repetiu a palavra paz por dez vezes, para sublinhar esse objetivo: «O mundo, a paz do mundo» e o desejo de «paz interior» para a Igreja. Em 2010, Bento XVI diria, na sua homília em Fátima, que os videntes «fizeram da sua vida uma doação a Deus e uma partilha com os outros por amor de Deus» e que «só com este amor de fraternidade e partilha construiremos a civilização do Amor e da Paz». E, em 2017, Francisco insistiu na ideia da paz como central na mensagem de Fátima. Apesar de todas estas referências, o tema está estranhamente ausente do *Comentário Teológico* do cardeal Ratzinger, em 2000.

A realidade da guerra e os desejos de paz estão presentes desde o momento inicial. Uma das primeiras perguntas que Lúcia faz à visão

(25) Teixeira Fernandes, Id., ib.

é sobre a duração da guerra – jovens portugueses tinham já morrido nos campos de batalha de França e da Flandres. Mas a resposta, que muitas pessoas presentes depois lhe pediram para repetir, durante os cinco meses seguintes, só viria a 13 de outubro: a guerra acabaria nesse mesmo dia, contaram as crianças. Essa versão seria mais tarde corrigida para um mais vago «em breve...», depois de Lúcia ter argumentado com a pressão que as pessoas haviam feito sobre ela.

Apesar dessas diferentes versões sobre o que teria sido ouvido por Lúcia, a questão da guerra manter-se-á tão presente em Fátima como esteve no mundo, durante o último século. Nas seis vezes em que as crianças relatam ter visto Nossa Senhora, as perguntas sobre a guerra, o seu eventual fim e o regresso dos jovens portugueses foram uma constante, a provar que o tema era, na época, uma preocupação maior das populações.

De tal modo assim foi que a participação de Portugal na Grande Guerra acabou por ser um outro fator de oposição do catolicismo popular à I República. Como comentava o historiador Bruno Cardoso Reis, «ao contrário do que aconteceu em França, com a união sagrada em torno da guerra contra a Alemanha, o que se passa em Fátima, com as perguntas e afirmações sobre o fim da guerra, agudiza o conflito» entre católicos e República⁽²⁶⁾.

Na década de 1930, a Guerra Civil de Espanha e, depois, o início da II Guerra Mundial viriam a marcar de novo o discurso de Fátima sobre a matéria – neste último caso, aliado também à questão do anticomunismo, como já foi referido. O Papa Pio XII, que atravessa o período da II Guerra Mundial, não queria deixar o argumento da paz apenas entregue à esquerda política, observa Bruno Reis. Por isso, uma das suas iniciativas foi a de organizar, em 1951, um congresso sobre a paz, presidido por Giovanni Montini, o futuro Papa Paulo VI.

Antes disso, em 13 de maio de 1946, Pio XII falara aos fiéis católicos portugueses, através de uma das suas rádio mensagens, que coincidiu com a coroação da imagem da Senhora de Fátima, agradecendo pelo facto de Portugal ter sido «poupado» à guerra, como dizia o discurso católico oficial. Afirmou o Papa Pacelli: «A mais funesta guerra que viu a história» deixara Portugal de fora e, agora, a «rainha da paz e do

(26) Citado em António Marujo, «As guerras de Fátima à volta da paz», in *Expresso*, edição de 12 de maio de 2017.

mundo» iria ajudar o mesmo mundo «a encontrar a paz e a ressurgir das suas ruínas»⁽²⁷⁾.

No seu livro, antes citado, Carlos Azevedo (2017) sublinha que à apropriação anticomunista, sucede a acentuação da devoção à Senhora de Fátima como garante da paz. E, precisamente na década de 1950, inicia-se também a projeção internacional de Fátima, através das viagens da Virgem peregrina, bem como o início da realização de grandes peregrinações ao santuário e de congressos dinamizadores do catolicismo português.

Com a guerra colonial em que Portugal se envolve a partir de 1961, Fátima convoca de novo a questão da paz. O santuário era, já, uma «escola popular de nacionalismo católico», como refere o mesmo investigador. Mas ninguém controlava completamente o fenómeno, que acabava por ser uma manifestação de um problema: as pessoas iam a Fátima rezar para que os seus mais próximos voltassem sãos e salvos da guerra (ou que nem sequer partissem...). E isso, observa ainda Bruno Reis, traduzia uma coisa simples: as populações católicas estavam preocupadas «com a salvação dos seus entes queridos e não com a salvação do Império»... Fátima assumia-se, assim, como uma espécie de manifestação surda contra a guerra.

Não será por acaso que, durante os 13 anos de conflito nas três colónias que Portugal mantinha em África, se verificará outro fenómeno: os grupos católicos de oposição ao regime utilizarão Fátima como lugar para divulgar informação: há panfletos distribuídos no santuário, uma carta dirigida ao Papa Paulo VI entregue em Fátima, um grupo de padres angolanos (Joaquim Pinto de Andrade, Alexandre do Nascimento e outros) que pensa ocupar a nunciatura em Lisboa durante a visita de Paulo VI... diz o historiador António Matos Ferreira, num estudo incluído no livro *A Senhora de Maio* (Marujo e Cruz 2017).

Uma «santinha» a baixo preço?

A construção de Fátima faz-se finalmente também ao nível do espaço e da linguagem pastoral. Desde cedo, a Capelinha das Aparições definiu-se

(27) Pio XII, rádio-mensagem em 13 de maio de 1946, texto disponível em https://w2.vatican.va/content/pius-xii/pt/speeches/1946/documents/hf_p-xii_spe_19460513_fatima.html.

como «o coração do Santuário de Fátima», assinalando o local onde estava a azinheira sobre a qual as crianças viram Nossa Senhora. À sua volta, entretanto, surgiu um conjunto de construções, num espaço que desde cedo foi delimitado pelos responsáveis da diocese e do santuário nascente – mesmo antes, ainda, de terem declarado como «dignas de crédito» as aparições, em 1930.

Hoje, o espaço do santuário é delimitado pela Capelinha, duas casas de encontros (albergando uma delas a reitoria e os serviços administrativos e, a outra, um centro de apoio a doentes) e, nos extremos, as duas basílicas – a primeira, de Nossa Senhora do Rosário, construída entre 1928 e 1953, da autoria do holandês Gerardus Samuel van Krieken e continuada por João Antunes; e a da Santíssima Trindade, inaugurada em 2007 e desenhada pelo grego Alexandros Tombazis.

Junto da nova basílica, ergue-se a Cruz Alta, da autoria do escultor alemão Robert Schad, que surge claramente como a obra mais significativa da nova linguagem artística do santuário e a peça que mais rompe com a linguagem anterior. Numa entrevista sobre a sua obra, o autor afirmava que ela tem um «objectivo claramente multicultural»:

A dificuldade reside na expressão da simplicidade. Chegar ao essencial, ao ponto em que a forma se impõe: aquela e não uma outra. É uma missão difícil, sobretudo nestas dimensões gigantescas, quer do ponto de vista arquitectural, quer espacial. Para mim, esta busca foi, ao mesmo tempo, uma espécie de jogo artístico com o lugar e um intenso diálogo com o arquitecto»⁽²⁸⁾.

Espaço amplo, delimitado por uma barreira de árvores, o recinto do santuário assume a ideia de rutura com o espaço envolvente – ainda mais notória quanto o crescimento anárquico da localidade se fez à custa de um mau gosto arquitetónico e urbano por vezes indescritíveis. Verdadeiro oásis no meio do caos urbano que só recentemente os poderes públicos começaram a tentar inverter, é no recinto que decorrem as grandes celebrações – já não só as dos dias 13, mas as de todos os domingos durante a primavera e verão, tendo em conta a afluência de peregrinos.

São estes, aliás, a razão de ser de todo este espaço – que, nos momentos mais intensos das peregrinações, as procissões das velas e do

(28) A entrevista está reproduzida em Marujo e Cruz 2017.

adeus, se converte num espantoso mar onde se conjugam estética, beleza, comoção, cor e emoções várias. E foi a pensar neles que, nas diferentes intervenções que teve em Fátima, em maio de 2017, o Papa Francisco pediu essa nova linguagem, ao mesmo tempo assumindo a linguagem das pessoas que ali acorrem.

Foi o caso da oração que o Papa rezou: «Percorreremos, assim, todas as rotas, seremos peregrinos de todos os caminhos, derrubaremos todos os muros e venceremos todas as fronteiras, saindo em direção a todas as periferias, aí revelando a justiça e a paz de Deus». Nesta fórmula, condensam-se várias ideias caras a Francisco: a consciência da busca de Deus que atravessa a vida de tantas pessoas, a importância de ir ao encontro de quem mais precisa, o desejo de uma humanidade mais pacífica e de relações mais justas entre as pessoas, o apelo a uma Igreja que não se centre em si mesma. Mas ela resume também vários anseios das pessoas que peregrinam a Fátima: desejos de luz para as suas vidas, de paz para o mundo e de esperança numa atitude de serviço e disponibilidade para com quem necessita, como o Papa também referiu na ocasião.

Note-se, no entanto, que o Papa não utilizou palavras que acentuam a dimensão do sacrifício, tantas vezes associada a Fátima, mesmo em fórmulas de orações. Por isso assumem uma grande relevância as suas declarações no avião, a 13 de maio de 2017, bem como aquilo que disse no santuário. Nelas surge clara a ideia de mudar o foco da religiosidade popular – mesmo se o Papa valoriza esta forma de expressão.

É o que traduz a sua pergunta, sobre se as pessoas preferem olhar para Maria de Nazaré como a «mestra da vida espiritual», a «‘primeira’ que seguiu Cristo pelo caminho ‘estreito’ da cruz dando-nos o exemplo», «a ‘bem-aventurada por ter acreditado’ sempre e em todas as circunstâncias nas palavras divinas» ou se, pelo contrário, preferem encará-la como a «‘santinha’ a quem se recorre para obter favores a baixo preço».

Claro que não será viável mudar por decreto as formas de expressão da religiosidade popular – incluindo de muitas das pessoas que vão a Fátima e fazem da imagem da Senhora a «santinha» que o Papa criticou. Pode mesmo imaginar-se que, na hipótese quase absurda de os responsáveis católicos abandonarem Fátima, muitas pessoas continuariam a acorrer ao santuário, pois é ali que melhor são capazes de traduzir a relação entre o transcendente e os seus quotidianos. É isso que explica, por exemplo, que muita gente que vai ao santuário não tenha, depois,

qualquer participação na vida religiosa das suas paróquias ou comunidades locais.

Essa relação antropológica marcante de Fátima – que está para lá da institucionalização e da configuração devocional católica – foi reconhecida também pelo Papa Francisco na conferência de imprensa de 13 de maio, a bordo do avião que o levou a Roma. O Papa afirmou que «não se pode negar» o «facto espiritual» e «pastoral», relacionado com as pessoas que procuram este tipo de experiências «e se convertem, pessoas que encontram Deus, que mudam de vida...».

A experiência a que Francisco se referia, e que muitas pessoas são capazes de viver em Fátima ou através da relação que estabelecem com a figura de Nossa Senhora, é uma forma de traduzir a necessidade de ter algo de tangível, de concreto, na sua busca de Deus. Para elas, a sua vivência religiosa e a forma de configurar a relação com o mistério do transcendente só pode ser traduzível através de expressões concretas – sejam elas a entrega a outras pessoas, através de um serviço, ou a devoção a uma imagem de um santo ou de Nossa Senhora como se continuassem vivos na terra.

Ao colocar em confronto a «santinha» e a «mestra da vida espiritual», Francisco também pôs, no entanto, em causa, a forma como os responsáveis católicos promovem ou aceitam determinadas manifestações da religiosidade popular. As afirmações do Papa são também um apelo e um desafio à criatividade e ao compromisso dos católicos em geral, e dos responsáveis da hierarquia ou de estruturas como o santuário de Fátima, no sentido de ajudarem a purificar e reconfigurar a devoção mariana presente no catolicismo.

Oásis, silêncio e contemplação – as muitas Fátimas

Essa perspectiva renovadora tem sido visível em Fátima nas últimas três ou quatro décadas, através de realizações como congressos, simpósios e outras iniciativas de debate, a publicação da *Documentação Crítica de Fátima*, ou a modernização dos espaços e do discurso oficial do santuário.

O processo renovador precisa, no entanto, de novos fôlegos. A teóloga Teresa Toldy já propôs, por exemplo, que Fátima poderia desenvolver iniciativas como as de criar mais serviços de acolhimento e ajuda às pessoas que ali chegam com tantos problemas, no que seria uma forma

de acolher o apelo do Papa na homilia de dia 13 de maio, no sentido de uma «mobilização geral contra a indiferença».

Também frei Bento Domingues, que tanto tem escrito sobre Fátima, quer no livro antes citado (1988), quer nas suas crónicas no jornal *Público*, já defendeu que é importante que o santuário se torne cada vez mais um lugar de evangelização e uma «universidade da paz».

Um tal desiderato poderia passar pelo debate, edição de publicações e organização de congressos ou colóquios, à semelhança do que tem sido feito nas últimas décadas. A valorização cultural e artística é outro campo onde isso pode acontecer. A construção da nova Basílica da Santíssima Trindade, algumas das obras de arte que lhe estão associadas e várias iniciativas ligadas ao centenário de Fátima podem também situar-se nesta linha.

Na sua carta sobre os santuários, o Papa escrevia que estes lugares, apesar da «crise de fé» contemporânea, permanecem «espaços sagrados» que as pessoas buscam para encontrar momentos de «pausa, silêncio e contemplação».

Ao longo deste século, Fátima foi, como se viu, várias coisas diferentes: uma construção beata e devocional, fundada no medo e na resignação; uma fonte de esperança na possibilidade da paz, num país dilacerado pela participação na I Guerra Mundial e, mais tarde, na Guerra Colonial; uma oposição à ideia de retirar a dimensão religiosa da vida das pessoas; um discurso anticomunista, reagindo às perseguições aos cristãos; um fenómeno aproveitado pelo Estado Novo e de que o regime autoritário também se serviu para vincar uma espiritualidade mariana centrada na resignação; a acentuação da ideia da paz, sublinhada pela peregrinação do Papa Paulo VI; e um discurso pedagógico e moderno, que tenta purificar a linguagem mais usual de muitos peregrinos...

Fátima são muitas Fátimas, mesmo em cada momento. São tantas quantas as das pessoas que peregrinam ao santuário, à procura de alívio, consolo ou em ação de graças. Ou, simplesmente, em busca de um tempo de silêncio ou tranquilidade, de refúgio espiritual ou procura de si mesmo. Fátima são anseios, alegrias, desejos, desilusões, tristezas ou mágoas profundas. Muitas vezes, apenas como afirmação íntima, outras vezes traduzindo preocupações com pessoas de quem se gosta ou, até, com alguém distante. Porventura, estarão em muitas dessas razões algumas razões para que, em 100 anos, o fenómeno se tenha alargado das três crianças para os milhões que ali agora acorrem anualmente.

Bibliografia:

- Azevedo, Carlos A. Moreira (2017). *Fátima – Das Visões dos Pastorinhos à Visão Cristã*. Lisboa: Esfera dos Livros.
- Barreto, José (2002). *Religião e Sociedade – Dois Ensaios*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais (col. «Análise Social»).
- Couto, Manuel José Gonçalves (1868). *Missão abreviada para despertar os cuidados, converter os peccadores e sustentar o fructo das missões*. Porto: Typografia de Sebastião José Pereira; reed. s/ data e s/ editor; impr. Gráfica Aguiarense, 1995.
- Cristino, Luciano e Azevedo, Carlos M. de (coord.) (2007). *Enciclopédia de Fátima*. Cascais: Principia.
- Documentação Crítica de Fátima*. Fátima: Santuário de Fátima, vols. I e II.
- Documentação Crítica de Fátima – Selecção de Documentos (1917-1930)*. Fátima: Santuário de Fátima, 1992-2013, vol. III-1.
- Domingues, Bento (1988). *A Religião dos Portugueses – Testemunhos do Tempo Presente*. Porto/Lisboa: Figueirinhas.
- Fátima e a Paz – Actas do Congresso Internacional (1993)*. Fátima: Santuário de Fátima.
- Fernandes, António Teixeira (1999). *O Confronto de Ideologias na Segunda Década do Século XX – À Volta de Fátima*. Porto: Afrontamento.
- Lúcia, Irmã. *Memórias (1999/2000)*. Fátima: Santuário de Fátima (2 vols.).
- Marujo, António (2010). «A imprensa laica foi a que mais divulgou Fátima», *Público* 8/09/2010; texto reproduzido em *25 Olhares Sobre a República*, ed. jornal *Público*.
- Marujo, António e Cruz, Rui Paulo da (2017). *A Senhora de Maio – Todas as perguntas sobre Fátima*. Lisboa: Temas e Debates/Círculo de Leitores.
- Riccardi, Andrea (2002). *O Século do Martírio*. Lisboa: Quetzal.
- Torgal, Luís Filipe (2017). *Fátima – A (des)construção do mito*. Coimbra: Palimage.